
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O COMPORTAMENTO HOMOAFETIVO A PARTIR DO DETERMINISMO SOCIAL, EM ACENOS E AFAGOS (2008) DE JOÃO GILBERTO NOLL

Silvio Ruiz Paradiso (UEL/CNPq) e
Karine Passeri (CESUMAR)
silvinhoparadiso@hotmail.com

RESUMO: No romance de João Gilberto Noll, *Acenos e Afagos* (2008), João Imaculado vivencia relações hetero e homossexuais; dessa forma, analisar-se-á como as atitudes dele estão relacionadas à visão preconceituosa da sociedade dominante. Diante disso, os objetivos específicos são: verificar se o protagonista tem consciência do preconceito existente no âmbito social, e como isso influencia suas relações hetero e homoeróticas. O artigo abordará esses questionamentos e, como resultado, espera-se que o personagem, inserido em um *entre-lugar*, se mostre como alguém que, por não ter coragem de transgredir as *leis* sociais preconceituosas, submete-se a elas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura. homoerotismo; preconceito.

INTRODUÇÃO

A partir dos Estudos Culturais e da liberdade sexual na década de 70 e o fortalecimento de grupos *gays* nos E.U.A. durante a década de 80, a literatura homoerótica se constituiu em uma temática que ganha mais espaço no campo literário. Diversos escritores trabalham tal assunto em sua obra, como João Gilberto Noll, por exemplo. Esse trabalho limitar-se-á ao estudo da narrativa homoerótica nolleana em *Acenos e Afagos* (2008).

Consoante o pensamento de Thomé (2009: 32), o romance *Acenos e Afagos* (2008) será considerado como *texto gay*, pois seu tema central é o sentimento homoafetivo que o protagonista nutre por um amigo de infância, por aparecerem diversos personagens secundários que são homossexuais, e também, pelas repetitivas relações

homoafetivas que acontecem tanto no nível psicológico quanto na realidade do personagem. Considerando esse assunto central, torna-se relevante a justificação do uso da nomenclatura homoerotismo ao invés de homossexualismo em tal contexto.

De acordo com Costa, “homoerotismo é preferível a ‘homossexualidade’ ou ‘homossexualismo’ porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX” (1992: 11). Quando o termo *homossexual* surgiu na língua corrente da época, carregava forte conotação pejorativa, pois o *homossexual* era visto como o oposto do ideal masculino que a sociedade burguesa tanto pregava; o uso de tal palavra reproduz, automaticamente, todo o preconceito burguês patriarcal nela embutido (Costa 1992: 24). Por tais razões, será utilizado o termo homoerotismo para designar qualquer relação de cunho *homossexual* e, ainda, concorda-se com a seguinte afirmação de Costa (1992: 21): “homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*. . . . exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão”. Além disso, a própria narrativa utiliza o termo, exemplificando a pluralidade citada por Costa: “Bombas explodiam em casas noturnas com atrativos homoeróticos” (Noll 2008: 52).

Em relação ao protagonista, observa-se que ele mantém relações sexuais com homens, com sua mulher e até com uma cabra. Entretanto, o que mais fica evidente são as relações com outros homens; percebe-se que ele se identifica mais com esse comportamento sexo-afetivo, isto é, como um homossexual. Nessa contextualização, nosso objetivo será analisar como as atitudes desse narrador/personagem de *Acenos e Afagos* (2008), um *homossexual*, estão ligadas ao preconceito social que essa minoria de gênero sofre. Afinal, ocupam um lugar marginalizado e invisível na divisão de classes, isto é, os *gays* não possuem seus direitos civis porque *não existem* na sociedade, como afirma Foucault (2000: 16): “os homossexuais não constituem uma classe social”. Este trabalho debaterá todo esse preconceito, muitas vezes sutil, existente na questão homossexual, no romance supracitado. Assim, para entendermos melhor o preconceito nas entrelinhas das relações homossexuais que o protagonista João Imaculado vivencia, inicialmente, apresentaremos a biografia de João Gilberto Noll e a fábula de *Acenos e Afagos* (2008).

2 NOLL & ACENOS E AFAGOS (2008)

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, em 1946. Filho de João e Ecila Noll, ingressa na graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1967, mas, após dois anos, abandona o curso e vai para o Rio de Janeiro, onde publica seu primeiro conto na antologia *Roda de Fogo* (1970). Somente em 1979 conclui o curso de Letras, na Faculdade Notre Dame do Rio de Janeiro (Instituto Estadual do Livro 1989).

Noll recebeu diversos prêmios por suas obras. Entre eles, seu primeiro livro publicado, *O cego e a dançarina* (1980), foi premiado como *Revelação do Ano*, *Ficção do Ano*

e o *Prêmio Jabuti*. Ao todo, são treze livros publicados e o prêmio Jabuti em quatro ocasiões. Um dos romances mais recentes de Noll, *Acenos e Afagos* (2008), também já recebeu seus méritos, ganhou o segundo lugar no Prêmio *Portugal Telecom* e também o prêmio *Fato Literário 2009* (Faria 2010).

A publicação de diversos livros e a aquisição de inúmeros prêmios é o resultado de um conjunto de aspectos que caracterizam a peculiar escrita nollena. Sua prosa é construída por meio de frases curtas e soltas, imagens variantes e livres, que desencadeiam intensos fluxos de consciência. Além disso, o aspecto mais singular de Noll é a escrita em primeira pessoa (Faria 2010), algo também observado em *Acenos e Afagos* (2008).

Esse romance se passa em Porto Alegre, e é a *biografia* do protagonista, João Imaculado. Biografia ficcional que começa com uma *inocente* luta com um amigo de infância na sala de um consultório odontológico. Já nesse início da narrativa, nota-se que o narrador se envolveu tanto com essa primeira experiência homoafetiva que nunca mais iria esquecê-la. Nem do ato, nem do colega.

Com o passar dos anos, o protagonista se casa e tem um filho, enquanto isso, o engenheiro (seu amigo de infância) leva uma vida de solteiro, desfrutando dos prazeres oferecidos pela *gay life*. Após alguns conflitos pessoais, João consegue viver ao lado de seu amor, o engenheiro, entretanto, essa convivência vai desencadear problemas para João, pois ele tem de assumir o papel da mulher da casa, mesmo sendo um homem (homossexual). No final da narrativa, o companheiro de João Imaculado é envenenado por alguém e morre. Pouco tempo depois, João também é morto a tiros por um segurança que vigiava a casa abandonada onde eles moravam.

3 O COMPORTAMENTO HOMOAFETIVO A PARTIR DO ‘DETERMINISMO SOCIAL’

Neste tópico, analisaremos os momentos em que o protagonista de *Acenos e Afagos* (2008) tem suas atitudes, de certa forma, impulsionadas pelo preconceito velado da sociedade patriarcal.

Já no início do romance, João afirma acerca da experiência homoerótica que acabou de viver: “Sabíamos que o sexo deveria ser feito entre um homem e uma mulher e que dessa luta em meio aos lençóis se gestaria a criança, essas crianças correndo por tudo como nós. O nosso abraço belicoso fora uma situação que só poderia ter sido vivida porque se desgarrara da história principal” (Noll 2008: 9).

Percebe-se aqui que o personagem tem consciência do padrão sexual/afetivo exigido, isto é, a heterossexualidade; entretanto ele se distancia desse padrão, vivendo, assim, sua experiência homossexual. Esse distanciamento da “história principal” (Noll 2008: 9) revela que o protagonista teve de ficar do lado de fora, ou melhor, à margem do que é socialmente estabelecido para poder ter uma relação com outros homens; afinal, tal atitude não é aceita pela ideologia machista e cristã da sociedade na qual vive.

A junção do contexto acima com os trechos “Juramos não contar essa tarde a ninguém. Nunca” (Noll 2008: 11) e “Nos considerávamos o que então se chamava de ‘entendido’. Sempre gostei dessa palavra, pois dava a ideia de idílios secretos, só para iniciados, vividos nos subterrâneos de certas madrugadas.” (Noll 2008: 22) mostra que ambos estão de acordo com o pensamento foucaultiano, de que os homossexuais adotaram “a forma de consciência de se pertencer a uma espécie de sociedade secreta” (Foucault 2000: 15). As relações homoafetivas devem sempre ser mantidas e realizadas em segredo pois, quase sempre, são rejeitadas pelo sistema social vigente.

Devido a essa necessidade de esconder o que se faz das outras pessoas, os *gays* são forçados a frequentar locais retirados, isolados, escuros, onde ninguém desconfe de quem os frequenta: “Mas onde estaríamos em Porto Alegre, para que nos fosse permitido tal atrevimento? Onde que não fosse um recinto semiclandestino ou em esgotos pura e simplesmente?” (Noll 2008: 64). Tem-se também a seguinte referência a respeito de um hotel onde aconteceria uma relação entre o protagonista e um garoto de programa: “na cama que deveria ser de um hotelzinho para aquele gênero de encontro” (Noll 2008: 70). Todos esses fragmentos remetem às regras que a sociedade cria, em que o homossexual é visto como um ser animalizado, que só pode viver na escuridão do subterrâneo e que, no mínimo, está abaixo de tudo que se tem no chão; a esse só se concede o clandestino, o oculto - um resultado do maniqueísmo social (superior e inferior).

Com base nesse contexto, surgem os locais classificados como guetos, lugares em que *gays* se reúnem para desfrutar de uma *liberdade social*. Costa (1992) discorre sobre os guetos:

O gueto é formado por um circuito de locais de encontro exclusivo de homossexuais, que vão de praias a pontos de prostituição masculina. Nesses locais, alguns extremamente sórdidos, os indivíduos gozam da “liberdade” que a discriminação permite. Mas, justamente por tratar-se de uma liberdade vigiada e concedida, carrega todas as seqüelas do preconceito. Os sujeitos sabem, mesmo quando não explicitam, que a liberdade vivida no gueto é precária e, num certo sentido, artificial. (1992: 96)

Observa-se que a classe minoritária homossexual é vista com muito preconceito, já que nem nesses lugares restritos tem-se real liberdade; a busca por locais ou situações privadas de preconceito é um objetivo utópico em relação à sociedade vigente.

Ainda a respeito do protagonista, quando ele “já era grande”, o narrador afirma: “onde quer que eu fosse em ambientes públicos, havia alguém que não me queria solto” (Noll 2008: 15). Esse fato, de que em todo lugar há alguém que não o quer livre, revela a reprovação que essa minoria de gênero sofre perante as normas pré-estabelecidas: “o homossexual será sempre visto no mínimo – com desconfiança” (Thomé 2009: 22). Dessa forma, João Imaculado, homossexual, é observado com tamanha desconfiança ao ponto de não o quererem livre.

Nota-se que a sociedade não aceita que essa classe tenha os mesmos direitos que os heterossexuais, resultando à minoria homossexual um destino de discriminação e inferiorização. Além disso, o uso da palavra “solto” (Noll 2008: 15) remete ao fato de os homossexuais não poderem se mostrar como realmente são, tendo que conviver socialmente por meio de máscaras e amarras, a fim de se manterem sob um estereótipo que agrada a grande parcela da população. Tanto no romance como na vida real, em nenhum momento é concedido ao indivíduo *gay* o direito de ser um sujeito livre, solto, independente e até efeminado. Em outro momento, o protagonista explica: “‘Entendido’ poderia designar também aqueles que na claridade do dia eram vistos como machos integrais, noivos até, acima de qualquer suspeita. Mas nas horas submersas lá iam provar do pote ansiado. Todos ali éramos ‘entendidos’, amantes e peritos do próprio corpo” (Noll 2008: 22).

Nesse excerto, o narrador expõe o preconceito que o homossexual enfrenta no âmbito social. Em decorrência disso, é forçado não só a negar sua tendência homoe-rótica nos locais públicos, como também *provar sua heterossexualidade* por meio de um namoro, noivado ou até mesmo um casamento. A respeito disso, analisa Marina Castañeda:

Diferentemente do heterossexual, o homossexual nem sempre é homossexual, uma vez que deve “representar” ser heterossexual, dependendo do contexto e situação em que está inserido e com quem esteja, que podem refletir em ameaça e falta de aceitação, entre outras conseqüências vivenciais típicas das pessoas que vivem em sociedade que rejeita a condição homossexual. (Nascimento & Teixeira Filho 2006: 3)

O protagonista de *Acenos e Afagos* (2008) representa a imagem do homossexual que se apresenta socialmente como hetero. Prova disso é que depois de narrar algumas experiências homossexuais, João conta que era casado, que sua mulher sabia que ele já tivera relações com homens: “Clara pegou-me uma vez beijando um peão [...]. Clara fez que não viu” (Noll 2008: 38), e que tinha tido um filho na adolescência.

Nesse contexto desenhado por Noll, Clara, a mulher do protagonista, possui um papel muito significativo para a diegese. Ela é a personagem que representa todo o grupo heterossexual, ou seja, é o *choque*, o *nó* das ações do protagonista. Este vive cada dia em uma espécie de duelo, pois ele quer reencontrar o seu amor de infância, o engenheiro, mas, ao mesmo tempo, tem sua mulher que o aceita: “Ela apenas aceita como eu sou. Acompanha todas as minhas estações. Fases em que evito o sexo com determinação. Fases não, anos. Outras como agora, em que quero trepar todos os dias” (Noll 2008: 62). Em outra fala, vê-se que ela também o tenta: “Minha mulher estava na sala de calcinha e sutiã, como se me esperasse” (Noll 2008: 36). Esses dois trechos mostram que, na verdade, a mulher não só o aceita como também tenta seduzi-lo para uma possível relação sexual (heterossexual). Clara sabe das inclinações homoafetivas de seu marido, mas não deixa de se insinuar a ele. E ela acaba

se tornando uma personagem que carrega toda a perspectiva social de um possível abandono da condição homossexual.

O filho do casal também tem sua função para o romance. A esse cabe o posto de forçar o pai a seguir os padrões sexuais vigentes. Ele incentiva o pai a esconder sua condição sexual, e esse ocultamento revela sua consciência do preconceito existente na esfera social, e que isso poderia ser humilhante para seu filho. Ainda sobre o casamento, o protagonista revela: “Dormíamos em camas separadas, se bem que no mesmo quarto. O dormir no mesmo quarto representava a construção de um quadro familiar sólido, diante do filho adolescente.” (Noll 2008: 41). Vê-se que o protagonista em sua casa é *obrigado* a seguir as normas canônicas e que sua mulher e filho são elementos que poderiam tanto denunciá-lo como bem representá-lo diante da sociedade.

O casal tinha relações sexuais entre longos intervalos, mas as tinham. Isso é explicado e pode ser normal para alguns homossexuais:

No que tange à atração por mulheres, a variação era igualmente enorme. Uns tinham histórias de apaixonamento e satisfação sexual plena nesse tipo de relação; outros eram casados, com filhos, sem nunca terem sentido carinho ou ternura pelas esposas, mas apenas atração física. Outros, ainda, envolviam-se afetivo-sexualmente com mulheres, mas, mesmo durante o envolvimento, continuavam sentindo-se atraídos por partes do corpo masculino. (Costa 1992: 83)

O protagonista de *Acenos e Afagos* (2008) era um exemplo de alguém que não tinha problemas em ter relações com sua mulher. João chega até confessar relações com animais, como uma cabra - um fato muito subversivo no romance, uma imagem metonímica da zoomorfização dele perante a sociedade e, ao mesmo tempo, humorística, pois é rejeitado pelo animal.

Após uma dessas relações sexuais esporádicas com a mulher, o narrador/personagem aponta algo que seria vantajoso para ele: “Quem sabe dessa vez não gerássemos uma outra criança com que não contávamos e talvez no fundo nem quiséssemos, uma criança que virá compor um quadro familiar de bom lastro para salvar os meus negócios na fazenda problemática” (Noll 2008: 47); em seguida reflete melhor: “Estremecia ao pensar que meu amigo engenheiro pudesse chegar a qualquer momento, e eu tendo uma nova criança a quem me dedicar” (Noll 2008: 56). Contrastando as duas citações, nota-se que o protagonista fica entre a vontade de ter outro filho, o que colaboraria para uma melhor imagem do quadro familiar e, automaticamente, obteria mais prestígio social também e o desejo de reencontrar o engenheiro. Um outro filho poderia impedi-lo de sair com o amigo de infância ou até viver esse amor. Nesse trecho da narração observa-se que o protagonista permanece entre a sujeição das normas – ter um filho - e a rebelião – viver ao lado do engenheiro.

Logo, pode-se afirmar que ele está inserido em um *entre-lugar*. Isso se explica melhor com o seguinte argumento de Silvano Santiago: “Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana” (Souza 2008: 8). O protagonista está “nesse lugar aparentemente vazio” onde ele não segue nem o discurso da sociedade que determina o que é central, nem adere totalmente à situação periférica; então classifica-se que ele permanece em um *entre-lugar*.

O personagem, devido à frustração de ter perdido o apetite sexual (ereção) com a mulher, vai em busca de algo que resolva esse pequeno conflito. Com isso, ele acaba nas mãos de um garoto de programa que, além de drogá-lo, também o espanca, sendo isso uma clara demonstração de como a sociedade, no geral, trata os homossexuais, ou seja, a violência por parte do garoto é uma metáfora da violência e discriminação que essas pessoas sofrem na esfera social: “poucas categorias são tão discriminadas, estão tão à margem do *status quo*, quanto a do homossexual. Seu discurso, como o da mulher, é hierarquicamente inferiorizado diante do discurso masculino” (Thomé 2009: 21).

Após tal violência, ele é encaminhado para um hospital, onde sua mulher e seu filho, assim como também o engenheiro, vão visitá-lo. E é nesse momento que o enredo começa a mudar de rumo: o engenheiro convida-o para ir viver com ele, e o personagem, que passou a vida esperando o momento para ficar ao lado de seu amor, aceita. Ambos vão em direção a uma casa afastada da cidade, localizada em Cuiabá: “Fomos de táxi até a casa que ficaria sendo nossa, para lá da periferia da cidade, na mata” (Noll 2008: 80). Observa-se aqui outra forma de exclusão dos homossexuais, pois esse fato demonstra que não é permitido que casais do mesmo sexo vivam em ambientes comuns a todos.

O fato de João Imaculado e o engenheiro formarem agora um casal trará alguns conflitos, tanto psicológicos como até físicos para ele: “Esse homem enfim seria meu. Bastava que eu fosse a mulher com a qual ele sonhava.” (Noll 2008: 81). Percebe-se que ele começa a ocupar o lugar da mulher de casa: “estava agora ali naquela casa vivendo para o marido, como ainda tantas mulheres. E isso que eu me considerava um homem razoavelmente viril” (Noll 2008: 95). O protagonista vivencia, nesse momento do romance, a experiência de ficar entre dois opostos: durante o dia, ele exerce o papel da mulher e, à noite, sendo o ativo no decorrer da relação sexual, se mostra como um homem viril.

Esse conflito do personagem, entre o que é e o que não é, tem sua origem na concepção social patriarcal de que um casal deve ser composto por um homem e uma mulher, nunca por dois homens ou por duas mulheres. Baseado nisso, o protagonista, mesmo vivendo “nas periferias das periferias” (Noll 2008: 83), ainda é influenciado pela ideologia da sociedade, ou seja, o preconceito contra uma vida conjugal homoafetiva. Essa ideologia padrão é tão difundida, tão internalizada pelos seres humanos, que mesmo os próprios homossexuais não se vêem capazes de lutar contra tal con-

cepção. Costa também argumenta a respeito das relações homoafetivas: “em todo laço social marcado pelo preconceito não há como escapar da montagem imaginária da discriminação” (Costa 1992: 35). A vida conjugal do protagonista e do engenheiro é realmente marcada pela discriminação, pois ambos possuem a mancha do preconceito. Costa ainda expõe outro argumento favorável à nossa análise: “O “homossexual”, por conseguinte, era o homem que não podia ser pai; não podia ser marido; não podia ser o bom cidadão e não poderia representar adequadamente a norma moral de conduta do burguês civilizado, metropolitano, e racialmente superior aos povos inferiores ou às classes subalternas (1992: 156).

A argumentação de Costa (1992) revela que ao indivíduo homossexualmente inclinado não é permitido exercer as mesmas atitudes dos heterossexuais; portanto, como no caso do protagonista e do engenheiro, não é concedido que eles vivam como um casal formado por dois homens, pois não pode haver dois maridos; um deles tem que exercer o papel da mulher, sendo esse o elemento que colabora para o padrão socialmente estabelecido – uma falácia da ideologia machista.

O protagonista que se encontra nessa situação conflituosa, acaba por sofrer mutações tanto psicológicas quanto físicas a respeito de seu gênero sexual. O trecho “Sentia-me cada vez mais mulher. Ou não: ao sentir alguma necessidade do passado, eu imediatamente reconstituía em mim o homem que eu tinha sido no império da juventude” (Noll 2008: 106) representa o conflito psicológico do personagem; em contrapartida, tem-se também a seguinte afirmação sobre a mudança corporal: “As minhas ínfimas tetas como que silenciavam doloridas, ardiam. Eram pequenas ainda” (Noll 2008: 126). Notamos aqui o corpo do personagem se *transformando* em um corpo feminino, mas, como já se disse, essas situações opostas ocorrem devido à pressão patriarcal em cima do modelo homem e mulher (macho e fêmea).

Apesar dessas mutações sofridas pelo protagonista, ele ainda mantém uma identidade mais tendenciosa para o homoerotismo, como o que ocorre no seguinte fragmento: “Uma parte de mim gostava de ser vista como mulher, de ganhar olhares de desejo que só um homem pode empreender diante de uma fêmea. Mas muito do meu desejo gostava mesmo era de ser cobiçado por outro macho” (Noll 2008: 105). Tem-se aqui a comprovação que, apesar do personagem se sentir ou viver como uma mulher, ele na verdade prefere ser cobiçado por homens, ele se identifica mais com outros; logo, revela-se como homossexual.

Na sequência da trama, o protagonista em seu cargo de *mulher do lar* afirma acerca do engenheiro: “sim, ele era o meu homem, inevitavelmente um padrão moral” (Noll 2008: 111). O protagonista vê o engenheiro como alguém que possui determinado prestígio social, afinal, ele é o *pater* da casa, algo que para a sociedade burguesa é determinante da caracterização de um verdadeiro homem ou de uma relação conjugal. Sob a influência inconsciente desse pensamento, o protagonista vê no companheiro o papel de homem moralmente correto, enquanto isso ele é posto em uma situação inferiorizada, pois a aceitação do homossexual só será realizada na medida em que as regras morais não mais os condenarem como *inferiores* (Costa 1992: 132). Caso contrário, em toda união homo haverá o homem e a mulher, mesmo que no âmbito

ideológico. Além disso, o *padrão moral* citado é uma metáfora para a relação macho e fêmea que ambos configuram.

O que confortava a situação do protagonista era o fato dele exercer o papel de mulher do lar durante o dia, mas à noite, ser o ativo no ato sexual. Isso era o que o motivava a aceitar tal situação e ainda o fazia triunfante em suas relações carnavais. Porém chega um dia em que o engenheiro subitamente atinge a ereção e assume a posição de ativo, invertendo os papéis na relação sexual:

Naquele embate carnal, eu fechava um ciclo e iniciava outro, o de passivo? Bye, bye para o meu pau? Mas não me sentia ainda preparada para ser fêmea de vez. . . . Precisava sair correndo daquele quarto com cheiro de mofo, não voltar mais, ser comido por uma onça, ou mordido por uma serpente que por sua vez morreria com o meu veneno inglório. (Noll 2008: 144)

Esse fragmento possui diversos dados relevantes para a interpretação da diegese. Primeiro, o fato de o engenheiro ter-se assumido como ativo deixou o protagonista completamente desconcertado, pois até então, apesar de ele suprir o papel da mulher, ele ainda tinha o domínio na relação sexual; porém, quando perde isso, mostra-se totalmente desorientado e revela que na realidade não está pronto para ser uma *verdadeira mulher*, ou seja, no fundo, ainda se considera um homem que apenas sente atração por outros homens. Outra informação importante é a expressão “meu veneno inglório”, que deixa subtendido qual é o pensamento do personagem a respeito do homossexual. O termo *veneno* remete a algo que mata, que faz mal, intoxica, e *inglório* é algo sem glória, ou seja, sem a bênção, a permissão. Como o protagonista se mostra inclinado homoeroticamente e se autodetermina possuidor de um *veneno inglório*, conclui-se que ele possui, mesmo que inconscientemente, uma visão preconceituosa contra seu próprio grupo. O narrador já internalizou todo o preconceito social contra sua classe e se reconhece como alguém contaminado: “Participando da cultura do gueto, sobretudo nas idas a saunas, boates e locais de prostituição, todos se sentem promíscuos e convivendo com a promiscuidade, realizando, assim, a imagem do ‘homossexual’ criada pelo estereótipo do preconceito” (Costa 1992: 96). Observa-se que a dureza social, a opressão dos padrões contra o grupo *gay* é tanta, que, inclusive, eles mesmos acabam se discriminando ou se submetendo às normas - alienando-se.

Já no final do romance, o protagonista tece um comentário relevante acerca da sua morte em Porto Alegre, pois, antes de sair da cidade com o engenheiro, ele foi sentenciado como morto. A respeito disso, ele diz: “ao morrer em Porto Alegre, fiz de mim um cidadão, pois deixei mulher e filho com alguns bens, como a casa e a fazendola, mais minhas poucas economias” (Noll 2008: 175). Para o protagonista, cidadão é aquele homem padrão (hetero), que ao morrer deixa sua herança para a família; olhando somente por esse ângulo, João Imaculado *morreu* como um cidadão em sua cidade. Percebe-se, mais uma vez, a recorrência da sutil influência do preconceito na vida dos homossexuais, afinal, na moral social só se torna cidadão aquele que segue as regras impostas. Por fim, tanto o engenheiro quanto João morrem e são enterra-

dos um ao lado do outro. Mortos já estavam desde o começo frente aos outros – uma metáfora da anulação do sujeito *gay* na sociedade do certo e do errado.

4 CONCLUSÃO

João Imaculado (protagonista/narrador) se mostra consciente de todo preconceito existente na sociedade dirigida por padrões patriarcais, pois em diversos momentos tenta transmitir a ideia de alguém heterossexual, como, por exemplo, no fato de ter uma família e de ainda não querer que o filho descubra sua condição homossexual. Além disso, pode-se inferir que suas relações hetero são influenciadas pelos parâmetros socialmente estabelecidos, pois ele, um pai de família que convive com a mulher, automaticamente, acaba sendo induzido por eles (padrões), e até mesmo pela esposa, a ter uma vida conjugal como qualquer outro heterossexual. No entanto, sua verdadeira natureza o leva, às escuras, à procura do que realmente o satisfaz, a homossexualidade.

A respeito de seus relacionamentos homoeróticos, eles ocorrem de forma socialmente oculta e muitas vezes inconstantes. No único momento em que o protagonista desfruta de uma relação homoafetiva mais duradoura, está totalmente isolado de qualquer contato social; logo, pode-se deduzir que esse tipo de relação só é possível de ser realizada em ambientes completamente isolados da sociedade, levando-nos a perceber a *invisibilidade* do indivíduo *gay*, seus direitos e seus desejos. Ainda em relação ao protagonista, pode-se concluir também, que ele está inserido em um local vazio, um *entre-lugar*, pois João está submetido às normas – ser casado, ter um filho - mas não se posiciona claramente perante elas. Como fica entre aderir ao discurso patriarcalista da sociedade, que o vê com preconceito, e aderir às minorias homossexuais, ele permanece em um *entre-lugar*.

OBRAS CITADAS

COSTA, Jurandir Freire. 1992. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

FARIA, Alexandre et al. *Cronologia*. Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/cronologia.html>. Acesso em 06 mar 2010.

———. *Sobre ele*. Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/sobreele.html>. Acesso em 06 mar 2010.

FOUCAULT, Michel. 2000. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo*. São Paulo: Landy.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL. GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. 1989. V. R. Morgan-

ti, org. *Autores Gaúchos: João Gilberto Noll*. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas.

NASCIMENTO, Marcio Alessandro Neman do, & Fernando Silva Teixeira Filho. 2006. "Homossexualidade e gueto: a expressão do preconceito entre homossexuais masculinos que frequentam espaços de convivência GLBTT." *Anais do XIX Encontro de Psicologia VI Encontro de Pós-Graduação: Percursos e Perspectivas* (Unesp/Assis): 01-07.

NOLL, João Gilberto. 2008. *Acenos e Afagos*. Rio de Janeiro: Record.

SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. 2008. "O entre-lugar e os estudos culturais." *Travessias* (Cascavel) 1: 1-12.

THOMÉ, Ricardo. 2009. *Eros proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural.

THE HOMOAFECTIVE BEHAVIOUR FROM SOCIAL DETERMINISM, IN JOÃO GILBERTO NOLL'S ACENOS E AFAGOS (2008).

ABSTRACT: In João Gilberto Noll's novel, *Acenos e Afagos* (2008), the protagonist, João Imaculado, experiences hetero and homosexual relationships; hence, we will analyze how his behavior is related to the prejudiced view of the mainstream society. Thus, the specific objectives are: to determine if the protagonist is aware of the prejudice that exists in the society, and how it influences his hetero and homoerotic relationships. The article will deal with these questions and as a result, we expect that the character is inserted in a *between-place*, and he is known as someone who does not have courage to break the prejudiced social laws, so he is submitted to them.

KEYWORDS: literature; homoeroticism; prejudice.

Recebido em 31 de maio de 2010; aprovado em 31 de outubro de 2010.